

# ASPECTOS DA MOBILIZAÇÃO DE VOLUNTÁRIOS PARA AS IGREJAS CRISTÃS

Esp. Adriana Ferreira Rosa da Silva Desengrini<sup>1</sup>

Dr. Cicero Manoel Bezerra<sup>2</sup>

## RESUMO

Na atualidade observa-se que poucos cristãos se envolvem nas atividades propostas nas igrejas. Através desta pesquisa bibliográfica, se identifica porque as pessoas não se sentem motivadas a servir, também buscando entender os aspectos da mobilização e do voluntariado e ainda o papel da liderança cristã de forma a mudar este cenário. Foi identificada a necessidade de uma mudança na visão do líder, que tem um papel fundamental neste propósito, de forma que este seja menos centralizador ao desenvolver projetos e compartilhe sua visão com os liderados, permitindo assim, que estes se sintam parte da causa e corresponsáveis por seus resultados, levando a uma mudança cultural nas igrejas cristãs da atualidade quanto ao serviço cristão, de forma a cumprir o comissionamento de Cristo quanto ao cuidado com seu próximo e com Sua Obra.

**Palavras-chave:** Serviço segundo a Bíblia. Voluntariado. Liderança cristã.

## ABSTRACT

At present, it appears that few Christians engage in activities in their churches. Through this bibliographical research, is identified the reason that people don't feel motivated to serve, also seeking to understand the aspects of mobilization and volunteer and still the role of Christian leadership in order to change this scenario. The need for a change in the leader's vision has been identified, which plays a fundamental role in this purpose, so that it is less centralized in developing projects and shares it's vision with the leaders thus allowing them to feel part of the cause and co-responsible for their results, leading to a cultural change in today's Christian churches regarding Christian service, in order to fulfill the commissioning of Christ in regard to care of his neighbor and His Work.

**Keywords:** Work according to the Bible. Volunteer Service. Christian leadership.

---

<sup>1</sup> Especialista em Aconselhamento e Gestão de Pessoas pela Faculdade Teológica Betânia (FATEBE), Especialista em Fisioterapia Cardiorrespiratória pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), graduada em Fisioterapia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). E-mail: adrianadesengrini@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Teologia pela PUC - Rio, Mestre em Teologia pela PUC - PR, Especialista em Treinamento de Líderes pela FTSA - MA, graduado em Teologia pela FACETEN. Coordenador do curso de bacharelado em Teologia na UNINTER e na FATEBE e professor do curso de graduação na UNINTER e FATEBE e do curso de pós-graduação da FATEBE. Autor de 36 livros - E-mail: ciceromeb@uol.com.br

## INTRODUÇÃO

Reconhece-se, através de variadas passagens bíblicas, Mc 10:42-45, Hb 6:10, Rm 12:11 e 1Pe 4:10 que Deus impele e comissiona o homem a servir ao próximo e a Ele, então como é possível termos tanta apatia, no tocante a esta missão, entre os cristãos nas igrejas? Como é possível haver tanta dificuldade em mobilizar as pessoas dentro da igreja local para que se movam em direção a este propósito? Estariam muitos “anestesiados” neste tempo atual? Ou não entendem o comissionamento de amor e renúncia pessoal que receberam ao aceitar a Cristo em suas vidas? Seria falta de se sentirem corresponsáveis quanto à salvação e consequente mudança de vida do outro?

O autor de Hebreus 6:10 (NVT, 2018, p. 2019) nos reforça sobre esta importância quando nos diz “pois Deus não é injusto; não se esquecerá de como trabalharam arduamente para ele e lhe demonstraram seu amor ao cuidar do povo santo, como ainda fazem”, o que por si só já nos traz uma reflexão sobre essa missão dos cristãos, a qual espera-se que seja obedecida, e também entende-se que quem serve sabe que tudo que tem vem de Deus, e nada mais justo do que retribuir em ações que edificam à Sua Igreja e ao próximo. Desta forma questiona-se o que falta nos cristãos para que haja engajamento e se mobilizem na Obra de Deus? Qual a melhor forma de conseguirmos que as pessoas se envolvam voluntariamente no serviço nas igrejas?

Com este estudo pretende-se responder a uma inquietação constante entre a liderança cristã sobre como mobilizar pessoas para o serviço cristão na igreja e por que pessoas conhecedoras do evangelho, no geral, não se sentem motivadas a servir, mesmo que dentro do ambiente preparado na igreja, ao mesmo tempo que busca contribuir com inúmeros líderes que vivem esta dificuldade. É notório que poucos se mobilizam ou se envolvem no desenvolvimento das atividades propostas.

Também tem por objetivo analisar, através de pesquisa bibliográfica, algumas alternativas e métodos para inspirar pessoas ao serviço cristão, entender o serviço na Bíblia e a importância do engajamento, buscando responder o que move alguém a se dedicar a um trabalho voluntário, identificando formas e métodos para se alcançar esse engajamento, além de se avaliar o papel do líder neste processo.

## **1. O SERVIÇO SEGUNDO A BÍBLIA**

Em Mateus 23:11 Jesus nos ensina que “o mais importante entre vocês deve ser servo dos outros” (NVT, 2018, p. 1572).

Conforme atesta Lima (2007, p. 40) “se não servirmos uns aos outros, a nossa vida não tem sentido e nem propósito, é uma vida inútil. Esta é a visão do Reino de Deus: devemos utilizar a nossa vida para o serviço de Deus e para os seus semelhantes.”

### **1.1 Entendendo a vontade de Deus**

A igreja sempre foi entendida como uma comunidade onde se pode encontrar apoio e comunhão, onde as pessoas se mobilizam umas pelas outras com dedicação de parte de seu tempo voluntariamente neste propósito. Porém, nos últimos tempos temos visto pouco disto e cada vez mais pessoas envolvidas com seus próprios interesses, que, confortavelmente, se mostram sem tempo ou disposição para se chegar às necessidades de outros e para se engajarem em variadas atividades que lhes solicite comprometimento.

Kivitz (2017, p. 49) chama a atenção para este assunto quando diz que “a característica mais marcante da mentalidade religiosa evangélica contemporânea é a adesão à cultura de consumo do capitalismo globalizado”, onde muitos líderes e pastores têm buscado eventos e treinamentos de como fazer suas igrejas “darem certo” para as pessoas de um mundo capitalista que também estão preocupadas em como podem fazer suas vidas melhorar e “dar certo” ao se aproximarem de Deus. É preciso, então, avaliar se as atitudes e ações dentro da igreja local estão de acordo com o esperado por Deus.

O apóstolo Pedro em 1 Pe 4:10 (NVT, 2018, p. 2055) orienta em sua primeira carta que “Deus concedeu um dom a cada um, e vocês devem usá-lo para servir uns aos outros, fazendo bom uso da múltipla e variada graça divina” onde fica claro que Deus espera que cada um se dedique em serviço ao próximo.

Deve-se considerar ainda o quanto as pessoas estão envolvidas com a vontade de Deus e estão dispostas a obedecê-la. Segundo David (2013, p. 26), “...enquanto os homens não aprenderem o quanto devem à misericórdia de Deus,

jamais o adorarão com sentimentos verdadeiros e nem serão eficazmente estimulados a temê-lo e obedecê-lo”.

E neste foco observa-se cada vez mais a igreja e as pessoas inseridas nela distantes de alcançarem o propósito pelo qual foram designadas. Pode ser que o entendimento da vontade de Deus esteja distorcido e a igreja não esteja exercendo o seu papel:

Talvez um dos motivos de algumas igrejas enfrentarem problemas hoje seja terem perdido o conceito bíblico do que elas realmente são. Em nossa nobre tentativa de sermos ‘relevantes’ em um mundo em transformação, abandonamos a imagem pastoral do pastor e das ovelhas, e cegamente adotamos a imagem pastoral do pastor como um CEO (Chief Executive Officer, em português, Diretor Executivo), os mais velhos como um quadro de diretores, e a família da igreja como clientes para servir. (WIERSBE, 2013, p. 35)

O próprio Jesus foi um constante exemplo de servo, por várias vezes deixou isto claro, que veio para servir e não para ser servido. Desta forma espera servos atuantes, que participem ativamente em Seu Reino (Mt 20:28).

Se não houver amor a Deus o suficiente para obedecer à Sua vontade, o chamado ao serviço não será entendido como missão pessoal e intransferível e, desta forma, não haverá despertamento para os sacrifícios pessoais necessários e nem engajamento no voluntariado proposto na igreja local.

## **1.2 A importância do engajamento**

Deve-se entender que é através da igreja que as pessoas se achegam a Deus, é através de cada cristão que Deus pretende arrebatá-las para seu aconchego. É o lugar onde somos lembrados de nossa missão pessoal e intransferível (AZEVEDO, 2010, p. 39). É onde cada um deve se sentir responsável por levar novidade de vida, consolo, ajuda ao outro, mas para isso é essencial que haja engajamento.

Dito isto, é um contrassenso ter pessoas desinteressadas nas igrejas pelo envolvimento voluntário na obra de Deus. Pessoas que, muitas vezes, apenas entram e saem dos templos em busca de um refrigerio pessoal e para solução imediata de seus problemas. É verdade que a era contemporânea tem produzido conforto em todos os aspectos da vida, e talvez isto esteja deixando o ser humano mais acomodado em todas as áreas, querendo mais ser servido do que servir.

Entretanto, conforme aprendemos com Bebeto Araújo:

aonde o reino chega, tudo muda para melhor, pois quando, confiados no poder do Espírito Santo, cristãos servem à sociedade combinando a 'grande comissão' (ide) com o 'grande mandamento' (amai), o reino se manifesta, vidas são transformadas e o Pai é glorificado. (ARAUJO, 2015, p. 39).

Sendo assim, “a Bíblia nunca ensina uma doutrina para torná-la simplesmente conhecida. Mas ela é ensinada para que seja transferida para a prática” (DAVID, 2013, p. 9). Por isso, é importante questionarmos os motivos de termos cada vez menos envolvimento nas igrejas com a Obra de Cristo e as pessoas da Obra. Desta forma, ao questionarmos, iremos de encontro a uma resposta que nos esclareça como mudar este cenário.

Para Laranjo (2017, p. 36), “comprovamos a importância de abrir mão do interesse pessoal em favor do propósito divino, pois Jesus deseja transformar pessoas e realidades na nossa geração e podemos ser seus colaboradores”. Reconhecer este propósito pode ser o início de uma mudança quanto às participações tão baixas dos cristãos nas atividades da igreja, especialmente às não litúrgicas, havendo preferência apenas pelos cultos, pois embora tenhamos muitas pessoas nos bancos e rol de membros, os recursos humanos disponíveis na igreja para o evangelismo, discipulado e ministérios poderiam ser maiores.

Provavelmente a compaixão, definida por Hasting e Potter (2005, p. 188) como sendo, “o desejo de servir, de compreender os outros e de cuidar das pessoas, da organização e da comunidade” tem sido deixada de lado ou ainda as pessoas não estão se sentindo envolvidas no processo.

Muitos podem ser os fatores pelos quais as pessoas não se engajam de forma constante por este voluntariado, mas, segundo Henriques *et al* (2013, s.p.), uma questão fundamental para que haja interesse em qualquer causa é que as pessoas se sintam motivadas, que tenham vínculos, que entendam o valor da causa e sua coerência. Outro ponto mencionado é a estratégia de comunicação para que este engajamento ocorra.

Diante destas premissas despertar o engajamento é essencial nas igrejas cristãs atualmente, e não somente isto, mas também fazê-lo de forma ampla, entrelaçando-o entre líderes, membros e seus ministérios. É importante descobrir o que motiva cada pessoa, despertar a compaixão em cada uma delas, pois segundo

Hasting e Potter (2005, p. 115), “compaixão é uma convicção persuasiva de importar-se o suficiente para envolver-se e ajudar outros por meio de ações que lhe tornarão melhor a vida ou os colocarão numa nova direção”.

## 2. ASPECTOS DA MOBILIZAÇÃO

A mobilização só é possível com uma boa comunicação quanto ao seu objetivo e uma profunda convicção quanto ao valor da causa, uma vez que as pessoas precisam sentir-se como parte do movimento, abraçando a causa verdadeiramente e ainda despertados em um sentimento de corresponsabilidade (HENRIQUES *et al*, 2013, s.p.):

Assim, coloca-se como necessário que um projeto de mobilização permita o desencadeamento de ações concretas de cooperação e colaboração, onde os cidadãos se sintam efetivamente envolvidos no problema que se quer resolver e compartilhem a responsabilidade pela sua solução (HENRIQUES *et al*, 2013, s.p.).

Em contrapartida, culturalmente, o que vemos são lideranças definirem projetos e então apresentarem os mesmos às suas equipes para que executem, não permitindo à equipe visualizar sua participação e importância no mesmo, o que é essencial para que haja vínculo e engajamento, que cada um se sinta corresponsável pelo sucesso daquele projeto.

Segundo Bezerra e Lima (2008, p. 82-83) “...iremos fazer o melhor que pudermos quando estivermos envolvidos em um projeto que acreditamos e ao mesmo tempo estivermos sendo úteis para outros” e ainda “...quando experimentamos realização naquilo que estamos fazendo, seremos animados e dispostos, não mediremos esforços para alcançar o êxito do projeto”.

É verdade que o ser humano está envolto em uma cultura, refletida na forma como pensa e age, porém a verdadeira cultura que transforma o homem e a sociedade é a cultura do Reino de Deus.

Partindo deste princípio é necessário se criar uma nova cultura na vida das pessoas que servem à Deus e isso só é possível com muito ensino, disciplina e intencionalidade, onde as pessoas saibam o que fazem e porque fazem (COSTA NETO, 2018, p. 53).

Segundo Costa Neto sua cultura é aquilo que você é e ele ainda afirma que a cultura do voluntariado não se trata de um método, mas sim de um princípio no Reino de Deus. “Portanto levantar voluntários é uma cultura, não um método” (COSTA NETO, 2018, p. 54).

Entretanto para que haja mudança cultural e também criação de vínculos é preciso que as informações sejam difundidas, se promova a coletivização, se registre dados e se forneça elementos de identificação com a causa do projeto.

Ainda,

mobilizar, portanto, é convocar estas vontades de pessoas que vivem no meio social (e optaram por um sistema político democrático) para que as coisas funcionem bem e para todos; é mostrar o problema, compartilhá-lo, distribuí-lo, para que assim as pessoas se sintam corresponsáveis por ele e passem a agir na tentativa de solucioná-lo (HENRIQUES; BRAGA; MAFRA, 2013, s.p.).

É preciso comunicar, envolver, impulsionar, mas sem manipular.

## **2.1 Mobilização no ambiente eclesial**

No caso da mobilização em igrejas cristãs é preciso que, além da difusão da vontade de Deus através do conhecimento bíblico desta missão, as pessoas se sintam participantes das mudanças que esta missão opera na vida do próximo, se sintam emocionalmente envolvidas na transformação através de suas ações e conheçam a realidade à sua volta. Que possam visualizar os benefícios na vida das pessoas que poderão ser alcançadas pelo seu envolvimento.

E no ambiente eclesial o texto de Atos 20:33-35 deve ser real na vida do cristão, onde a felicidade em dar deve ser maior do que em receber.

O cristão deve agir de forma a não só encontrar respostas de Deus para sua vida, mas também em ser resposta de Deus para o próximo. Seu caminho deve ser traçado de forma a encontrar alguém em necessidade e não apenas ajudar se aparecer alguém necessitado. Servir ao próximo deve ser uma decisão e não um acidente. Essa era a atitude de Jesus, Ele ia até os necessitados (COSTA NETO, 2018, p. 64-65).

O voluntariado, assim mesmo, não deve ser encarado como uma obrigação, e sim como um estilo de vida. As pessoas precisam enxergar não a instituição como beneficiada ou o seu líder, e sim visualizar o benefício que pode haver na vida de

quem for alcançado por sua participação em determinado projeto ou missão. Se a pessoa se sentir importante neste processo de transformação e também de melhoria na vida do outro, isso irá motivá-la a se engajar no projeto.

Quando servimos evidenciamos que somos seguidores de Jesus e expressamos Seu amor de forma prática, muitas vezes a quem ainda não O conhece. O voluntariado vem também como resultado da transformação pessoal do cristão, frutificada, onde o cristão evidencia a natureza de Jesus que há nele.

O voluntariado deve ser encarado sem distinção de pessoas, ajudar alguém deve ser o foco sempre, sem importar quem seja, se há merecimento ou não, por aquilo que elas são e não pelo que possuem, apenas expressando seu amor e o amor de Deus através de você, sem busca por reconhecimento pessoal.

O voluntariado aplicado no meio eclesial é sinônimo de serviço e “servir é comprometer-se com uma causa” (COSTA NETO, 2018, p. 72). E como dito anteriormente, ao participarem da elaboração do projeto as pessoas conhecem o mesmo em detalhes, seus benefícios e se sentem parte deste e, conseqüentemente, será mais atrativo o engajamento.

### **3. O PAPEL DO LÍDER NO PROCESSO DE MOBILIZAÇÃO**

Muito se fala sobre a liderança e o papel do líder nos dias atuais, dentro e fora das igrejas, pois muito do resultado do trabalho de uma equipe passa pela postura e influência de seus líderes.

Temos visto no meio cristão muitos líderes ainda vivendo a antiga ideia do líder como maestro, apenas o idealizador das ações a serem cumpridas por outros, como um executivo eclesial, como chefe, e isto, com todo uso de sua autoridade. Porém, esse não foi o modelo deixado por Cristo a ser seguido por seus líderes. Stott (2016, p. 78) nos alerta que “liderança e senhorio são dois conceitos muito diferentes. O cristão lidera pelo exemplo, não pela força, e deve ser um modelo que convide seguidores, não um chefe que os exige”.

O próprio Jesus, um grande exemplo de líder, ensina sobre como Deus deseja que seus líderes sejam ao ensinar aos discípulos: “então Jesus os reuniu e disse: ‘Vocês sabem que os que são considerados líderes neste mundo têm poder

sobre o povo, e que os oficiais exercem sua autoridade sobre os súditos. Entre vocês, porém, será diferente. Quem quiser ser o líder entre vocês, que seja servo, e quem quiser ser o primeiro entre vocês, que se torne escravo de todos. Pois nem mesmo o Filho do Homem veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate por muitos” . (Mateus 20: 25-28, NVT, 2018, p. 1567).

Nesta esteira precisamos entender também a diferença entre liderança e autoridade. E podemos aprender com Hunter que nos ensina que a liderança é a capacidade adquirida de influenciar pessoas para trabalharem entusiasticamente visando atingir aos objetivos identificados como sendo para o bem comum, já a autoridade é a habilidade de levar as pessoas a fazerem o que você quer por causa de sua influência sobre elas. (HUNTER, 2004, p.25- 26).

Pode ser que muitos destes que exercem autoridade o fazem pensando que estão acertando. Talvez seu entendimento seja de que ele tem a visão e sua equipe está ali para executar, e assim observamos essa postura ao longo dos anos, não só nas igrejas, mas dentro dos próprios lares, empresas e escolas. Alguém define o que deve ser feito e os demais colocam em prática, executam o plano. Porém cada vez mais se faz necessário que os líderes sejam participativos nas ações e, não somente isto, mas que eles abram espaço para que suas equipes participem do planejamento destas ações e seu papel é reforçado ao dar exemplos e orientar, ajudar, encorajar suas equipes a descobrirem e usarem seus dons e habilidades no propósito a que foram chamados.

É mais trabalhoso e de grande desprendimento compartilhar a visão que se tem com outros e juntos desenvolverem um projeto, mas esta característica é essencial para ser um líder que mobiliza. “Um das habilidades imprescindíveis para um líder exemplar é a capacidade de transmitir para a outros a visão.” (BEZERRA; LIMA, 2008, p. 83)

Este conceito de compartilhamento da visão pode ser reforçado pelas palavras de Haggai:

a liderança começa com uma visão. O comprometimento com aquela visão é uma missão, que é, então, cumprida pelo estabelecimento de certas metas. Mas o líder não faz isso sozinho. Sua tarefa é comunicar a visão, a missão, e as metas aos seus seguidores, tudo com amor e humildade (HAGGAI, 1990, p. 129).

Entretanto, para que haja envolvimento e comprometimento a longo prazo com um projeto e para que ele seja bem sucedido, não deve-se limitar a comunicação do que se quer realizar, mas sim pensar juntos sobre como realizar essa missão e traçar juntos estas metas. As pessoas se comprometem com aquilo que se sentem parte, onde entendem porque fazem, e então, colocam seu coração.

O voluntariado acontece quando as pessoas se enxergam dentro da causa, mesmo que não saibam como fazer. E aqui o papel do líder engajado em envolver sua equipe é um grande diferencial. Além de seu compartilhamento da visão, do seu exemplo de ação, ele deve se empenhar ao ensino dos que ele quer envolver.

Quando se fala em realização de projetos e suas metas pensa-se logo nos métodos para desenvolvê-lo, mas não se deve buscar prioritariamente métodos e sim uma mudança cultural para o desenvolvimento do voluntariado. O líder deve estar pronto para criar uma jornada de ensino afinal não se deve prever que as pessoas já sabem como fazer, é preciso ensinar, acompanhar seu desempenho, revisar e continuar ensinando (COSTA NETO, 2018, p. 53-55).

É importante que o liderado sinta que está sendo acompanhado e também que os resultados estão sendo medidos. Muitas vezes é proposto um projeto, pessoas são escaladas a realizá-lo, mas não há monitoramento, realinhamento, as pessoas não se sentiram parte ou não sabiam como fazer, e por fim, seus resultados não são alcançados, então o projeto é fracassado. E como é preciso realizar, cria-se um novo projeto.

O desafio dos líderes atuais nas igrejas cristãs está em investir tempo no ensino e ter paciência até que as pessoas entendam por que se faz o que se faz. Ensinar como as mesmas podem fazer a diferença na vida do próximo com suas ações. Elas precisam ter o sentimento de pertencimento. Além disto, deve-se considerar que as pessoas nem sempre vão alcançar os objetivos propostos sozinhas, mesmo após já terem sido ensinadas, é preciso estimulá-las, motivá-las.

Muito se foca na pregação da Palavra, e esta deve mesmo ser pregada, mas pouco se enxerga que além da Salvação futura, há benefício no presente quando uma vida é transformada. Se o voluntário enxergar uma eficácia de sua ação de forma palpável, ele poderá entender melhor a importância de seu envolvimento.

O trabalho é árduo, porém a liderança cristã não deve se esquecer de que

pode contar com o Espírito Santo nesta jornada, com os dons concedidos neste propósito, conforme Efésios 4:11-12 (NVT, 2018, p. 1934) “Ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, outros para pastores e mestres. Eles são responsáveis por preparar o povo santo para realizar sua obra e edificar o corpo de Cristo” e ainda com a promessa de Deus em Gálatas 6:7b (NVT, 2018, p. 1924): “...a pessoa sempre colherá aquilo que semear”.

Assim, é preciso confiar seu trabalho a Deus, usar os dons recebidos neste propósito e acreditar na lei da sementeira, afinal a colheita é certa para quem planta e a mesma acontece onde se planta e ela é maior do que foi semeado, pois “a espiga é sempre maior do que o grão” (LIMA, 2007, p. 40).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao iniciar esta pesquisa estava claro que havia, biblicamente, uma missão quanto ao serviço, mas também uma necessidade de mover os cristãos neste sentido, uma vez que pouco se vê envolvimento e engajamento da maioria das pessoas em atividades propostas dentro das igrejas.

Havia um entendimento prévio de que os cristãos não se mobilizavam por buscarem seus próprios interesses, não terem tempo ou disposição, por estarem anestesiados por este século com uma cultura de consumo, por não conhecerem ou não entenderem o comissionamento dado por Cristo, enfim, por preferirem ser servidos, ao invés de servir.

Havia ainda uma percepção de que muitos líderes cristãos se mostram angustiados em reverter esta atitude dentro de suas igrejas e/ou grupos, buscando motivar as pessoas a envolverem-se em atividades diversas.

E na busca por responder esta inquietação e buscar entendimento de como alcançar uma mudança de atitude dos cristãos dentro das igrejas na atualidade, passando por um entendimento bíblico quanto ao serviço, pesquisa sobre mobilização e seus aspectos e a relevância da liderança neste processo, houve a descoberta de que, muito provavelmente, os cristãos não estejam somente vivendo seus interesses, de forma egoísta, onde entram e saem das igrejas sem notar o próximo. É certo que a atualidade proporciona isto também, porém mais forte pode

ser a falta de pertencimento ao que está sendo proposto, a falta de entendimento de como podem fazer a diferença na vida do outro através de sua participação.

Assim, ensinar a vontade de Deus quanto a servir ao próximo continua sendo uma missão importante da igreja, mas para tal precisa-se descobrir o que motiva a cada um, despertar compaixão e engajamento, dar-lhes o sentimento de pertencimento. As pessoas se envolvem quando se sentem parte da causa, corresponsáveis pelo sucesso das ações propostas e a serem realizadas. E aqui o papel do líder é fundamental.

Inicialmente, havia um entendimento de que o líder estava sobrecarregado pelo fato de as pessoas à sua volta não estarem disponíveis e se apresentarem apáticas ao serviço cristão, e após valiosas informações encontradas durante a pesquisa, pôde-se identificar que o líder cristão é uma figura essencial neste processo de mobilização.

Praticamente tudo parte dele, exceto o fato de que não se pode esquecer a Soberania de Deus e suas ações à revelia da vontade humana quando lhe apraz, fora isto o líder tem papel essencial no processo de mobilizar os cristãos. Para isto, ele precisa envolver seus liderados desde a criação dos projetos, atividades a serem executadas, para que todos possam conhecer a realidade à sua volta e se sentirem parte da causa, e desta forma, é que nascerá o comprometimento com os resultados, quando todos tiverem a mesma visão do líder sobre o que se pretende alcançar.

A liderança com foco na mobilização e no voluntariado deve ser realizada com o exemplo de participação de seu líder, não apenas com ordenanças deste, mas com atuação do mesmo junto aos liderados. Ainda com bastante comunicação do que se pretende, com ensino e acompanhamento da evolução da atividade e, se necessário, com realinhamento, sempre focado em manter todos dentro da causa, compreendendo o que fazem e porque fazem.

É preciso ocorrer uma mudança cultural dentro das igrejas cristãs que ainda não têm o voluntariado como princípio. E, para tal, é necessário paciência, investimento de tempo no ensino e uma transformação de seus líderes quanto à liderança que define e delega, para a liderança que compartilha a visão e desenvolve junto aos liderados as ações.

Após a conclusão desta pesquisa, é possível reconhecer que o entendimento inicial desta autora quanto à falta de mobilização dos cristãos na atualidade estava equivocada em sua maior parte, pois foi possível concluir com a pesquisa que em uma era com tanta informação, ninguém se envolve em uma causa sem entender o porquê, o benefício e amplitude de sua ação e sem sentir-se corresponsável. E é papel da liderança disseminar a mudança deste cenário, não através de métodos, mas de uma nova cultura, onde a Vontade de Deus possa ser vivida em sua totalidade, servindo e não esperando ser servido, como é a proposta deste século.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Bebeto. Aonde o reino chega, tudo muda para melhor. **Ultimato**, Viçosa, ano XLVIII, nº 356, p.39. Setembro/Outubro de 2015.

AZEVEDO, Israel B. de. **Gente cansada de igreja**. 1º ed. São Paulo: Hagnos, 2010.

BEZERRA, Cícero; LIMA, Josadak. **Liderança exemplar**. Curitiba: Betânia, 2008.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Nova Versão Transformadora (NVT)**. Tradução S. Klassen. 1º ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2018.

CHIARA, I.D. *et al.*, **Normas de documentação aplicadas à área de Saúde**. Disponível em <https://guiadamonografia.com.br/pesquisa-bibliografica/>. Acesso em 26/12/2018.

COSTA NETO, Cícero F. **Amar e servir: a cultura do voluntariado**. São Paulo: Vida, 2018.

DAVID, E. **Enfrentando a apatia espiritual na igreja local**. Curitiba, PR, 2013. Monografia (Bacharel em Teologia), Seminário Teológico Betânia.

DUARTE, V. M. N. **Dicas para uma boa revisão bibliográfica**. Disponível em <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/regras-abnt/dicas-para-uma-boa-revisao-bibliografica.htm>>. Acesso em 04/11/2018.

HAGGAI, John E. **Seja um líder de verdade**. Tradução A. A. Vassão. Belo Horizonte: Betânia, 1990.

HASTING, Wayne; POTTER, Ron. **Confie em mim: desenvolvendo um estilo de liderança que os outros seguirão**. Tradução S. L. da Silva. Belo Horizonte, MG: Motivar, 2005.

HENRIQUES, Márcio S. *et al.* Relações públicas em projetos de mobilização social: funções e características. In: HENRIQUES; Márcio S.(org.). **Comunicação e estratégias de mobilização social**. 3ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, s.p.

HENRIQUES, Márcio S.; BRAGA, Clara S.; MAFRA, Rennan L. M. O planejamento da comunicação para a mobilização social: em busca da corresponsabilidade. In: HENRIQUES; Márcio S.(org.). **Comunicação e estratégias de mobilização social**. 3ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, s.p.

HUNTER, James C. **O monge e o executivo**. Tradução M. C. F. Magalhães. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

KIVITZ, Ed R. Como curar o mundo. **Ultimato**, Viçosa, ano L, nº 367, p.49-50. Setembro/Outubro de 2017.

LARANJO, Célia. Juntos podemos mais. **Ultimato**, Viçosa, ano L, nº 367, p.36. Setembro/Outubro de 2017.

LIMA, Josadak. **Encorajamento, sendo um estimulador de plantão** - série discipulado de liderança. Curitiba: AD Santos, 2007.

MEIRELES, Jacqueline. Cuidado integral e voluntariado: projeto soprar. **Ultimato**, Viçosa, ano L, nº 365, p.40. Maio/Junho de 2017.

STOTT, John. **Desafios da liderança cristã**. Tradução V. L. D. Fernandes. Viçosa, MG: Ultimato, 2016.

VIOLA, Frank. **Reimaginando a Igreja: para quem busca mais do que simplesmente um grupo religioso**. Tradução L. Marques. Brasília, DF: Palavra, 2009.

WIERSBE, Warren; WIERSBE, David. **Dez princípios poderosos para o serviço cristão**. Tradução V. A. Nunes. São Paulo: Shedd Publicações, 2013.